

LYA TANGERINO SOARES; LUCELENA CEZÁRIO CASSEL

**DESAFIOS ENCONTRADOS NA INCLUSÃO DO
ESTUDANTE COM TEA.**

MOCOCA – NOVEMBRO 2023

LYA TANGERINO SOARES; LUCELENA CEZÁRIO CASSEL

**DESAFIOS ENCONTRADOS NA INCLUSÃO DO
ESTUDANTE COM TEA.**

Artigo científico apresentado ao Curso de Formação Pedagógica, como requisito parcial para obtenção do certificado de TÍTULO GRADUADO em PEDAGOGIA.

Prof. ESP Orientador: Ana Paula Grotto da Silva

MOCOCA NOVEMBRO 2023

TÍTULO: DESAFIOS ENCONTRADOS NA INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM TEA.

AUTOR: LYA TANGERINO SOARES; LUCELENA CEZÁRIO CASSEL

ORIENTADOR: PROF. ESP ANA PAULA GROTTO DA SILVA

RESUMO

O presente trabalho, tem por objetivo conhecer as conquistas e os impasses dos docentes durante a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dentro da sala de aula no Ensino Infantil. Para tanto, adotamos a pesquisa bibliográfica, com autores renomados no assunto, cujo foco é conhecer suas metodologias e como as mesmas podem favorecer a inclusão desses alunos no ambiente escolar. Os resultados da pesquisa nos revelam que existe um enfraquecimento visível referente à formação e capacitação dos docentes, refletindo de forma negativa na inclusão dos estudantes com TEA. Outro aspecto a considerar é a presença de acompanhantes especializados para os mesmos, cuja formação deve estar alinhada com as responsabilidades que estão assumindo. Torna-se imprescindível reavaliar os reais significados da inclusão e a necessidade urgente de que as Políticas Públicas se responsabilizem pela formação de professores como principal ferramenta em benefício destes alunos que necessitam de um ponto de vista diferenciado. Além disso, é necessário também a regulamentação da profissão de acompanhante especializado, para garantir os direitos destes estudantes, conforme estabelece a legislação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, Educação Infantil, Inclusão, Formação Docente.

ABSTRACT

The present work aims to understand the achievements and impasses of teachers during the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) within the Early Childhood Education classroom. To this end, we adopted bibliographical research, with renowned authors on the subject, whose focus is to understand their methodologies and how they can favor the inclusion of these students in the school environment. The research results reveal that there is a visible weakening in the training and qualification of teachers, negatively reflecting on the inclusion of students with ASD. Another aspect to consider is the presence of specialized companions for them, whose training must be aligned with the responsibilities they are assuming. It is essential to reevaluate the real meanings of inclusion and the urgent need for Public Policies to take responsibility for teacher training as the main tool for the benefit of these students who need a different point of view. Furthermore, it is also necessary to regulate the profession of specialized escort, to guarantee the rights of these students, as established by Brazilian legislation.

Keywords: Autism. Child education. Inclusion. Teacher Training.

1. INTRODUÇÃO

O estudo mostra conceitos e suas características sobre o autismo, deste transtorno, bem como as diversas síndromes identificáveis geneticamente ou que representam condições diagnósticas características que também estão incluídas no autismo e possíveis direcionamentos do trabalho escolar e docente para a inclusão escolar dessa criança.

O autismo é a causa de muitos distúrbios nas interações sociais. Segundo Mirenda, Donnellan & Yoder (1983), tais distúrbios podem ser observados em idade precoce; Entre outras coisas, o “contato olho no olho” é anormal mesmo antes de completar o primeiro ano de vida. Identificar essa tarefa é muito difícil, porém, muitos pais têm medo de descobrir que têm uma criança diferente e não procuram ajuda por medo do diagnóstico e, quando o fazem, muitas vezes os profissionais não estão qualificados para fazer um diagnóstico preciso.

A palavra autismo, vem do grego “autos”, que significa si mesmo, que traduz uma condição do ser humano. Assim, o autismo é um estado onde o indivíduo vive para si mesmo, ou seja, uma condição em que ele está imerso em si próprio.

Segundo o dicionário médico Stedman (1987, p.18), o autismo é um distúrbio neurobiológico, embora o mecanismo exato da doença ainda não seja conhecido. Uma causa psicológica está descartada.

Em 1943, Kanner cunhou o termo “autismo” para descrever uma série de sintomas. Não existe uma fórmula correta para a prevenção, mas estudos recentes mostram que o papel da herança genética no desenvolvimento da doença não é tão grande como se pensava anteriormente. Os genes desempenham um papel de 50% nas chances de uma criança desenvolver autismo.

Santos, (2008), o autismo, é uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida, faz a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se “ausenta” do ambiente que o cerca das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores.

Em maio de 2013, foi lançada a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que trouxe algumas mudanças importantes, incluindo novos diagnósticos e alterações nos nomes de doenças e

condições já existentes. O autismo, assim como o ASPERGER, foi incluído em um novo termo médico chamado Transtorno do Espectro Autista (TEA). A síndrome de Asperger é, portanto, considerada uma forma menos intensa de autismo. Os pacientes são diagnosticados apenas em graus de incapacidade, portanto o diagnóstico é mais completo.

O Transtorno do Espectro Autista é definido pela presença de “Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, atualmente ou por história prévia”.

Existe uma grande associação entre autismo e deficiência intelectual, desde o leve até o severo, sendo que se considera que a gravidade desta deficiência intelectual não está necessariamente associada à gravidade do autismo. Esse quadro clínico das crianças dificulta sua matrícula nas escolas, causa problemas sociais e familiares, dificulta a vida dos pais no trabalho e dos próprios filhos, que ficam sem um processo de ensino e aprendizagem adequado. Com base no exposto, justifica-se a busca por conhecimento para a realização deste estudo, como: desenvolver um projeto de intervenção que apresente estratégias de ensino a professores de educação infantil e ensino fundamental, identificar procedimentos na área pedagógica que devem ser realizados aos alunos com Transtorno do Espectro Autista e descrever as atividades educativas propostas para as crianças com TEA.

2. A QUESTÃO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM TEA.

A inclusão dos alunos com TEA no ensino regular é um direito garantido por lei, conforme consta no Capítulo V (LDB) da Lei de Diretrizes e Bases, 9.394/96, que trata da Educação Especial. Deve centrar-se na integração emocional do aluno (vida em sociedade). Como também consta na Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência deveria ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, o que lhes proporcionaria, entre outras coisas, currículos, métodos, técnicas e recursos educacionais específicos para atender às suas necessidades. (BRASIL, 1996), um estatuto da criança e do adolescente, que também garante o acesso à escolaridade regular a todos.

Na escola o estudante com TEA aprende a viver e a conviver em grupo, a desenvolver funções em equipe, a criar amizades e vínculos, a socializar e mostrar as qualidades e aptidões, caminhar sozinha, seguir regras e desenvolver tarefas.

Uma criança “sem deficiência” a entrada na escola gera inúmeras expectativas. No entanto, para uma criança com Transtorno do Espectro Autista, essa tarefa torna-se bem mais difícil, pois envolve interação, comunicação e comportamentos específicos, para um contexto absolutamente novo.

Para uma criança com traços do TEA leve toda essa rotina é facilmente desenvolvida e acompanhada, com pequenas adaptações pedagógicas. Já as crianças com o TEA clássico, as adaptações são maiores, uma vez que esse aluno possui maiores dificuldades de comportamento que comprometem a socialização e a comunicação com os demais colegas e o professores, portanto, possuem um déficit intelectual associado. Para que essa adaptação possa acontecer, a criança necessitará de acompanhamento educacional personalizado e individual. Portanto, a presença de cuidadores é muito importante nesses casos. (SILVA et al, 2012,p.75).

Silvia (2012) afirma que à medida que aprendemos sobre o autismo, entendemos que algumas pessoas têm um grau muito elevado de hipersensibilidade e isso lhes causa um grande sofrimento, porque o que é normal para nós, pode parecer insuportável para eles, por exemplo, falar em voz alta ou apenas ser tocado. Para tal, os professores das escolas devem estar atentos a estes sinais, procurar diferentes formas de incentivar a interação entre todas as crianças e conceber sempre atividades que estimulem o contacto sem forçá-lo. As crianças com TEA são incluídas nas atividades regulares, bem como em todas as atividades planejadas. Porém, sem ter que prescindir de modificações.

Uma forma de incluir crianças com TEA na sala é convidá-las para ajudar em pequenas tarefas (como distribuir folhas de papel para outras crianças), pois essa pequena tarefa pode levar a uma grande interação com outras pessoas. Da mesma forma, as crianças em sala de aula sempre irão precisar ser fortalecidas para respeitar e ajudar a criança com TEA para que ela se sinta acolhida no ambiente escolar (SILVA et al, 2012, p. 81).

Geralmente quando a professora levanta a voz para chamar a atenção de todos, é possível que nesse momento um aluno com TEA que tenha hipersensibilidade não entenda o tom elevado do professor, e isso pode despertar uma crise causando medo, a ponto, de que a criança não consiga ficar na sala de

aula. Neste caso, é fundamental que o professor compreenda e conheça o seu aluno. Outra coisa que o professor deve ficar atento e explicar com objetividade para que os alunos com TEA possam compreender, pois não entendem palavras com duplo sentido ou metáforas. Dessa forma, toda explicação ficará mais clara para o aluno com TEA, e para que essa situação não gere nele desorganização ou incompreensão (SILVA et al, 2012, p. 86).

Silvia (2012. S. 86), sugere a utilização de materiais concretos e visuais que possam ser incorporados à criança e atuar como facilitadores dessa aprendizagem. Além disso, é preciso respeitar as preferências das crianças sobre determinado tema, que pode estar relacionado a trens, dinossauros, aviões, entre outros. Desta forma, será possível proporcionar “aprendizagem prazerosa e positiva” aos alunos com TEA de forma interativa.

O PAPEL DO PROFESSOR

Com a sua formação, o principal objetivo do professor é preparar especialistas a partir dos estudos para ingressar no mercado de trabalho e adquirir uma dimensão pedagógica bem fundamentada. No processo de formação inicial, é permitido ao universitário refletir com base em documentos legais e aparatos teóricos, que facilitam a compreensão de casos e relatos ocorridos no universo escolar, contribuindo assim para a compreensão dos problemas existentes.

Atualmente, espera-se um olhar mais atento sobre a preparação dos futuros professores no que diz respeito à sua inserção no cotidiano escolar e aos fundamentos da sua prática pedagógica.

Segundo Costa (2012),

[...] os cursos de formação docente sinalizam para a importância do entorno que dá significado à autonomia escolar e determina as responsabilidades dos docentes, sem descuidar do projeto institucional dos estabelecimentos de ensino. Portanto, está posto que o protagonismo na educação esteja dirigido aos educadores e se dará a partir de suas definições sobre como ensinar, como se aprende, qual a melhor forma de avaliar.

É possível, portanto, assumir conceitos que possibilitem o desenvolvimento de uma atividade pedagógica caracterizada por uma perspectiva instrumental e voltada para a compreensão do ensino como uma ação educativa que não ultrapassa as fronteiras da sala de aula, cujos métodos e técnicas atendem a

conhecimentos pragmáticos desvinculados da dinâmica complexa do universo (COSTA, 2012, p.4-5).

Atualmente, as escolas necessitam de ações não tão pragmáticas, mas multidisciplinares, que saiam da sala de aula e percorram a escola, atingindo o corpo escolar, as famílias, as comunidades e as autoridades responsáveis. Muitos desses fatos são apresentados aos alunos no processo de formação inicial. Podemos sugerir algumas estratégias para uma sala de aula inclusiva:

1. Conhecer nosso aluno: construir um vínculo.
2. Descobrir o que fascina a criança: para desenvolver e compreender melhor suas habilidades.
3. Estimular o aluno autista a se comunicar: encoraja-los a conversar com outros alunos, funcionários da escola. No caso de alunos não verbais essa comunicação pode ser através de sinais, plaquinhas. Envolver a família nas atividades.
4. Oportunidade de escolha: podemos oferecer opção de qual avaliação devem ser realizadas primeiro, fazer a atividade na sala de aula ou na biblioteca, fazer anotações com palavras, imagens ou recortes de revistas.

Segundo Silva (2012), deve haver formação especializada para atender esses profissionais com a exigência de uma sala de aula de Educação Infantil Inclusiva, caso contrário será colocado um aluno especial na sala de aula, mas a inclusão não ocorrerá. Considerando os relatos de alguns especialistas, aproxima-se de uma realidade bastante vivenciada no ambiente educacional inclusivo dos últimos tempos e aponta os diferentes tipos de desafios encontrados pelos docentes atuais, quando lidam com vinte a trinta alunos em uma turma e ainda se preocupam com um aluno com necessidades específicas que lhe são confiadas.

O papel do professor como o mediador, ele o define como aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação concebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo desenvolvimento. Com relação a sua participação na inclusão da criança com autismo em escolas de ensino regular, o professor tem um papel determinante, pois é ele quem recebe e estabelece o primeiro contato com a criança, seja positivo ou negativo, dessa forma ele é um grande responsável por efetivar ou não o processo de inclusão, considerando que é seu dever criar possibilidades de desenvolvimento para todos, adequando sua metodologia as necessidades

diversificadas de cada aluno. (LOPEZ, 2011 apud BARBOZA; ZACARIAS; MENDEIROS; NOGUEIRA, 2020 p. 64)

Silva (2012) destaca que, além da formação técnica e pedagógica, os professores necessitam de apoio psicológico e de um bom relacionamento com as famílias para enfrentar os desafios da inclusão. Um grande recurso para o aprendizado na formação de professores é a vida do aluno.

O professor, além de conhecer suas especificidades, também deve descobrir suas habilidades. As dificuldades enfrentadas por “aquele” aluno são interessantes porque indicam ao professor que tipo de intervenção utilizar.

No entanto, o conhecimento das competências do aluno também é um fator chave, pois são estas as competências que o professor utilizará para integrar o aluno. Então tudo depende da formação do professor, porque é esta que pode garantir que o professor assuma o seu papel social.

Nesse sentido, de acordo com a Declaração da Salamanca:

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 27)

A formação continuada deve ser meta de aperfeiçoamento de todo professor, pois o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocar passo a passo a educação no contexto da modernidade, para que se torne cada vez mais interessante para o aluno compreender que, na escola, ele irá aperfeiçoando suas habilidades. É neste processo que o professor pode ver e rever a sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas à aprendizagem dos alunos, os erros e acertos deste processo, de melhor definir, de renovar e ajustar o que faz de acordo com as necessidades dos alunos. (FUMEGALLI, 2012, p.40)

COMO INCLUIR ESSE ALUNO?

Para incluir uma criança TEA na educação infantil e no ensino fundamental é necessário que a família, os amigos e a escola estejam envolvidos no processo, é preciso tratar o aluno com normalidade, tentar entendê-lo em seu jeito de ser, prestar tratamento em todas as áreas que necessita. O mais importante é que o psicopedagogo aprenda a compreender o pedido feito, que se estabeleça uma situação de comunicação que o permita e que adapte a resposta ao pedido feito, defina o papel que pode e quer jogar.

Segundo Lemos (2014), é fundamental analisar as interações sociais no contexto escolar, verificar a participação das crianças com TEA e considerar a mediação dos professores e de outras crianças. Compreender que o comportamento das crianças no espectro do autismo pode ser influenciado no que diz respeito aos contextos interativos, à mediação dos adultos e, sobretudo, às especificidades de cada criança é essencial para o desenvolvimento de estudos nesta área.

Segundo Sasaki (1999, p. 41), a inclusão social pode ser entendida como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir pessoas com necessidades especiais em seus sistemas sociais gerais, ao mesmo tempo que se prepara para o seu papel na sociedade.

A inclusão representa, portanto, um processo bilateral em que as pessoas, até agora excluídas, e a sociedade tentam resolver os problemas em parceria, decidir sobre soluções e alcançar a equidade de oportunidades para todos. Deverão certamente haver mudanças não só no currículo, mas fundamentalmente também nas atitudes com as pessoas que participam neste processo. (NASCIMENTO, 2007).

Essas mudanças referem-se a:

1. Iniciar a inclusão nas escolas regulares na educação infantil;
2. A idade da criança é igual ou com diferença mínima das demais;
3. Treinamento para professores e funcionários;
4. Aceitação da turma e do professor;
5. Liderança e participação familiar;
6. Uma sala de aula bem-organizada e com a mesma rotina todos os dias;
7. Peça ao seu aluno para sempre olhar nos seus olhos;
8. Coloque-o sempre mais próximo de você;
9. Utilize recursos visuais coloridos que atraiam a atenção;
10. Manter ao máximo a rotina na sala de aula e na escola;

11. Promover a amizade;
12. Processar o concreto;
13. Repita as atividades para que a criança acompanhe e entenda o que está trabalhando;
14. Elogie sempre que você se destacar;
15. Regras e disciplina bem estabelecidas, como outras crianças;
16. Não distinguir deveres e direitos das outras crianças;
17. Materiais e móveis customizados;
18. Preparação da comunidade escolar;
19. Adaptação curricular;
20. Inclusão da política de inclusão no Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP). (NASCIMENTO, 2007)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil, deve estar muito além da sua presença na sala de aula, deve almejar, sobretudo, a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades.

A literatura na área revela de maneira contundente que para melhor atender os alunos com TEA, em suas variadas necessidades faz-se necessário promover diversas adaptações de grande e pequeno porte, para isso, a formação docente é extremamente necessária. Na maioria das vezes, as cuidadoras não planejam as aulas, não possuem formação pedagógica e não possuem formação em Autismo, desse modo, como poderiam ser feitas as adaptações necessárias para a inclusão.

A realidade revela uma contradição com a literatura, mas também com as leis brasileiras, pois, enquanto a legislação defende o atendimento educacional especializado, o uso de recursos e a figura de um acompanhante especializado, a inclusão do aluno na Educação Infantil com TEA, vem contando com a presença do cuidador, mas, este nem sempre tem formação especializada. O Sistema Educacional precisa garantir que todo direito adquirido por lei ao estudante com TEA seja colocado em prática e que ele tenha um acompanhamento de um profissional com formação qualificada na Educação Especial.

Pode-se observar que a adaptação da criança com TEA na Educação infantil necessita de atenção e de profissionais capacitados para que se tenha bons resultados e garanta uma transição para tranquila o Ensino Fundamental.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M; ZACARIAS, J. C; MEDEIROS, K. N; NOGUEIRA, R. K. S. Educação especial: **autismo. Educare**, 2020. Disponível em: <<https://educarepedagogia.com.br/educacao-especial-autismo-2/>>. Acesso em: 24 out. 2023.

BRASIL. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

COSTA, Flávia Fernanda. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, RS: ANPED, 2012.

COUTINHO, Felipe Teixeira. **Desenvolvimento da comunicação e linguagem na criança com transtorno do espectro autista – TEA**
https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44108/3/DesenvolvimentoComunica%C3%A7%C3%A3oLinguagemCrian%C3%A7a_Coutinho_2018.pdf. Natal 2018.

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em 31 de outubro de 2023.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila - **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** - Ijuí – RS, 2012 – Disponível em: http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita_monografia.pdf?sequence=1 acessado em 30 de outubro de 2023.

MIRENDA, P., Donnellan, A. M., Yoder, D. E. (1983) Gaze behavior: **A new look at an old problem**. Journal of Autism and Developmental Disorders, 13, 297-309. 30

NASCIMENTO, L.M. **Educação Especial. Centro Universitário Leonardo da Vinci**. Indaial: Asselvi, 2007.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.